

**UM ESTUDO PRELIMINAR SOBRE BOUDICA E A MEMÓRIA COLETIVA
BRITÂNICA**

Tais Pagoto Bélo

Vol. XI | nº21 | 2014 | ISSN 2316 8412



UM ESTUDO PRELIMINAR SOBRE BOUDICA E A MEMÓRIA COLETIVA BRITÂNICA

Tais Pagoto Bélo¹

Resumo: Este artigo tem por intuito mostrar como Boudica, rainha bretã da tribo dos iceni, que liderou um exército contra o Império Romano no século I d.C., está consolidada na experiência histórica do passado britânico e em sua memória coletiva por meio de uma cultura material composta por estátuas e um vitral localizados em diferentes cidades no Reino Unido, tais como Colchester, Londres e Cardiff.

Palavras chaves: Boudica, Memória, Britânicos.

Abstract: This article intends to show how Boudica, Breton queen from the Icení tribe, who led an army against the Roman Empire in the 1st century A.D., is consolidated in the historical experience of the British past as well as in its collective memory through a material culture composed by statues and a Stained Glass window found in different cities of the United Kingdom, such as Colchester, London and Cardiff.

Keywords: Boudica, Memory, British.

INTRODUÇÃO

Este artigo se baseia na demonstração de como Boudica, rainha bretã, da tribo dos iceni, casada como o rei Prasutago e que tinha duas filhas, tornou-se um símbolo de força feminina e uma heroína nacional para os britânicos.

Boudica viveu no século I d.C., na antiga Britannia, onde hoje é a Inglaterra, mais especificamente na região chamada *East Anglia*, ao leste desse país. Ela formou um exército contra o Império Romano após Deciano Cato, um oficial de finanças romano, *procurator Britanniae*, ter desejado tomar as terras de sua tribo logo depois da morte de seu marido. Sua negação diante desse fato levou suas filhas a serem violentadas e ela açoitada. Dessa forma, seus atos estabeleceram parte da história do Império Romano e dos primórdios da constituição social britânica, proporcionando consequências sociais até os dias de hoje.

Os usos do passado diante da figura de Boudica carregam em si suas representações, utilizadas até o presente, embora tenham sofrido e ainda possam sofrer mudanças em seu contexto simbólico, devido ao valor que é colocado sobre elas e a atitudes cotidianas que fazem com que Boudica seja sempre lembrada. Assim, essa memória é alimentada, ficando responsável, por tempos em tempos, por construir e completar uma memória coletiva, que, segundo Halbwachs (1996), é uma corrente de pensamentos contínuos que

¹ Doutoranda do programa de pós-graduação em História Cultural do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil; com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de S. Paulo (FAPESP), Brasil.

nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Dessa forma, “onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo” (BENJAMIN, 1989, p. 107), ou seja, um não existe sem o outro.

A memória social é variável devido ao gênero, a etnicidade, à classe, à religião dentre outros fatores, permitindo uma multiplicidade e possíveis conflitos de memória em uma sociedade (VAN DYKE e ALCOCK, 2003), os quais emergem e são envolvidos por ações de lembranças e esquecimentos. A memória também pode ser utilizada para iluminar o passado de grupos marginalizados. A construção da memória social pode envolver diretamente a conexão com os ancestrais em um passado de lembranças ou abranger ligações com uma vaga mitologia antiga geralmente baseadas numa reinterpretação de monumentos ou panoramas (VAN DYKE e ALCOCK, 2003; GOSDEN e LOCK, 1998; MESKELL, 2003). A supressão do passado, em vez da conexão, também pode estar relacionada com o próprio passado, que pode ser submetido e dominado, conquistado e desguarnecido (VAN DYKE e ALCOCK, 2003; MANNING, 1998).

A construção da memória, simbolicamente, pode aplanar rupturas, criar a aparência de um todo social sem cicatrizes e ser utilizada para naturalizar ou legitimar autoridade (ALCOCK, 2002; HOBBSAWM e RANGER, 1983; JONKER, 1995). A memória coletiva é uma das grandes estacas de sociedades desenvolvidas ou em desenvolvimento, de dominados e dominantes, os quais se esforçam pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e progresso (VAN DYKE e ALCOCK, 2003; LE GOFF, 1992, LAQUEUR, 2000). É possível que um uso comum da memória social se volte para criar e suportar um senso de identidade individual e pública (VAN DYKE e ALCOCK, 2003; BASSO, 1996; BLAKE, 1998). Além da memória ser utilizada por grupos de elite para seus interesses próprios, ela também pode ser empregada a serviço da resistência. Sendo assim, a mutabilidade da memória pode permitir diferentes conflitos, que, muitas vezes, coexistem no interesse de partes que competem entre si (VAN DYKE e ALCOCK, 2003; ALONSO, 1988). Contudo, a criação e recriação da memória social é uma atividade sempre em processo.

Sendo assim, pode-se perceber que algumas coisas são sempre lembradas e outras não, como se houvesse um julgamento social para tanto, ou simplesmente porque não existe um motivo político social para se lembrar de outro fato. Dessa forma, Boyer (1996) menciona que, talvez inconscientemente e, outras vezes, explicitamente, os fragmentos e traços da arquitetura de uma cidade, por exemplo, são manipulados, embora algumas coisas permaneçam, são inseridas em um contexto contemporâneo e controladas pelas circunstâncias de mudanças e desejos atuais (BOYER, 1996).

Contudo, Boudica ainda é lembrada no século XXI através de uma cultura material elaborada no século XIX e início do século XX, que é formada por estátuas e um vitral, que foi trazida pelos antigos escritores, passando pelos palcos de peças de teatro e poemas para sua materialização e memória coletiva Britânica.

OS ANTIGOS ESCRITORES E SEUS RELATOS SOBRE BOUDICA

Os escritores antigos Tácito e Dião Cássio escreveram em primeira mão sobre o episódio de Boudica, que se passou aproximadamente nos anos de 60 e/ou 61 d.C., nas obras *A vida de Agrícola*, *Anais* e *História de Roma*. Esses autores mencionam que a rainha guerreira se rebelou contra os atos do Império Romano e formou, assim, um exército contra esse inimigo junto aos trinovantes, tribo vizinha, destruindo os assentamentos de Camulodunum, Londinium e Verulamium.

Tácito salientou que a rebelião se iniciou depois que o rei Prasutago morrera, que teria deixado o Império Romano como co-herdeiro de seus bens, junto a suas filhas, para que depois de sua morte evitasse que seu reino sofresse ataques.

Deciano Cato, um oficial de finanças, *procurator Britanniae*, viu a morte de Prasutago como um modo de obter dinheiro e talvez adquirir glória, adicionando o território à província na ausência do governador, Suetônio Paulino e do poder de guerra romano, os quais estavam na ilha de Mona guerreando contra os druidas. O resultado foi a recusa, por conta de Boudica da entrega das terras, ocasionando, assim, a violação de suas filhas e o próprio açoitamento. Esse episódio deu início à formação do exército liderado por ela e, conseqüentemente, à destruição dos três assentamentos romanos (ALDHOUSE-GREEN, 2006).

Boudica foi descrita por esses autores como uma mulher incapaz de liderar um exército e que era masculinizada com a voz, o tamanho e as armas de um homem.

AS REPRESENTAÇÕES MATERIAIS DE BOUDICA

Em uma viagem pela Escócia, em 1872, a Rainha Vitória se deparou com as origens celtas presentes nesse país, ou seja, ela encontrou-se com mensagens gaélicas como *Ar Buidheachas Do'n Bhudhaich*, que quer dizer "À Vitória, nossa gratidão". Alguns aspectos do país, como a palavra "Vitória" em gaélico, que é *bouda*, aproxima-se bastante da palavra em galês moderno *buddug*, nome da rainha guerreira celta, que nos escritos latinos de Tácito ficou *Boudica*, o qual acrescentou um "c", no entanto, provavelmente seu nome era pronunciado *Bowdeekah* originalmente, passando no período medieval tardio, à forma errônea de *Boadicea* (FIELDS, 2011; WEBSTER, 1978; DAVIES e ROBINSON, 2009).

Para acrescentar, a deusa Andraste, à qual Boudica era devota, de acordo com Dião Cássio, era a deusa da Vitória. Assim, todos esses aspectos fizeram com que a rainha Vitória passasse a se afeiçoar a essa figura, de raiz celta também, mas uma heroína conterrânea (WEBSTER, 1978; ALDHOUSE-GREEN, 2006), fazendo com que os Vitorianos tivessem uma afinidade especial com a rainha da Idade do Ferro. Após 1850,

momento em que o Império Britânico estava em ascensão, os britânicos não somente passaram a ter uma concepção das grandes exibições, mas também da consciência de se lembrar das grandes glórias de seu passado (WEBSTER, 1978). Sendo assim, as pessoas começaram a observar e interpretar traços do seu passado mais distante para servir às necessidades e aos interesses do presente (VAN DYKE e ALCOCK, 2003).

Logo depois que a rainha Vitória foi coroada, o artista Herry Courtney Selous, em 1843, pintou um retrato de Boudica para ela. A heroína aparece na pintura vestida com uma túnica, um xale esvoaçante e com o busto à mostra, gesticulando no campo de batalha como se chamasse pela presença da força dos guerreiros antes da batalha.

Como a rainha Elizabeth I, a rainha Vitória utilizou da força dessa personagem como símbolo de liderança feminina, solicitando a construção de uma estátua em homenagem à guerreira, a qual foi levantada em Londres pelo artista Thomas Thornycroft, próxima à ponte de Westminster, às margens do rio Tâmisa, em frente ao parlamento britânico, em oposição ao Big Ben.

Foi construído um ícone da grandeza inglesa – em uma cidade importante, a qual no passado foi um assentamento romano, e em um lugar estratégico, isto é, no centro político e de poder britânico, que parece olhar para toda a cidade como se fosse uma guardiã.

A escultura romântica de Thornycroft foi esculpida em bronze e é composta por Boudica, que está com as mãos ao céu, vestindo uma túnica esvoaçante, uma capa, uma coroa e segurando uma lança na mão direita; e suas filhas, as quais se encontram ajoelhadas atrás da rainha guerreira, olham atentamente e com desconfiança para frente, vestindo túnicas dos seios para baixo, os quais surgem à mostra. Elas estão em uma carroça ceifada ao estilo romano, guiada por cavalos que estão em posição alarmante. Todavia, de acordo com Davies e Robinson (2009), sabe-se que esse estilo de carroça não condiz com aquelas utilizadas na Idade do Ferro pelos bretões. Entretanto, não havia encontrado registros arqueológicos, na Inglaterra, de nenhum sepultamento bretão com carroça até o momento de término da estátua.

Com o apoio do Estado, essa estátua é uma representação da concepção Vitoriana de Boudica, quase uma versão do século XIX de Ben Hur, como lembra Aldhouse-Green (2006). Ainda, do lado sul da escultura, há inscrições em ouro, *Boadicea/ Boudicca/ Queen of the Icenii/ Who died AD 61/ After leading her people/ against the Roman invader*²; e, do lado leste, há duas linhas do poema de William Cowper (1782), o qual menciona *Regions Caesar never knew/ Thy posterity shall sway*³. Segundo Hingley e Unwin (2005), o poema foi usado pelo Conselho Municipal de Londres para efetivamente restabelecer Boudica institucionalmente. Para a estudiosa Aldhouse-Green (2006), existe uma alusão óbvia à Rainha Vitória, tanto no poema quanto na estátua.

O artista dessa escultura e o príncipe Albert, que deu apoio à construção da estátua, morreram antes que ela ficasse pronta (WEBSTER, 1978). Sendo assim, a obra acabou não recebendo financiamento

² *Boadicea/ Boudicca/ Rainha dos iceni/ Que morreu em 61 d.C./ Depois de liderar seu povo/ contra o invasor romano.*

³ *Regiões que César jamais conheceu, tua posteridade governará.*

suficiente para o banho final de bronze, de modo que a prefeitura de Londres precisou formar um comitê público para a arrecadação de verbas para terminá-la. Os principais donatários foram membros da realeza inglesa, acadêmicos, jornalistas, políticos e ricos senhores galeses (HINGLEY, 2000; PINTO, 2011). Esses últimos pareceram reconhecer Boudica muito mais como uma figura bretã do que inglesa. Eles próprios, mais tarde, homenagearam a guerreira em Cardiff, País de Gales, com outra estátua (PINTO, 2011).



Figura 01: Estátua de Boudica em Londres (BÉLO, 2012)

A estátua de Londres foi erigida um ano depois da morte da rainha Vitória e após a vitória militar britânica na *The Boers war*.

Dessa forma, a escultura somente foi entregue pronta pelo filho do artista, John Isaac Thornycroft, e colocada às margens do Tâmesa, pelo Conselho Municipal de Londres, em 1902, causando grande sentimento patriótico, pois a manifestação de Boudica como guerreira nesse momento estava ligada ao sentimento nacional em relação às raízes do passado dessa nação, e assim, à vangloriação do Império Britânico. Sendo assim, essa obra foi propositadamente colocada em frente a *House of Commons*, como se fosse defender esse órgão de possíveis ataques do sul, ou seja, do continente (PINTO, 2011).

Contudo, no início do século XX, com o declínio do Império Britânico, as obras escritas versando sobre Boudica aumentaram entre os escritores, ressaltando-se a grande presença de escritoras mulheres. O conteúdo da maioria era indicado para crianças, mais especificamente para meninas, tendo o intuito de mostrar uma abrangência geral do mundo colonial britânico. Alguns exemplos desse tipo de obra foram

realizados pelo autor Charles Doughty, em 1906, como o poema épico chamado *The dawn in Britain*; por Rosemary Sutcliff (2000), dezessete anos depois da Segunda Grande Guerra, o qual escreveu *The eagle of the Ninth*, uma esplêndida história de ficção, baseada na IX Legião, que foi amaldiçoada por Boudica e que desapareceu no norte. Há também obras mais recentes para adultos, como a grande série de Manda Scott (2008) chamada *Boudica*, além da obra de mesmo nome, *Boudica*, de Vanessa Collingridge (2006).

Nesse mesmo período, a estátua de Boudica começa a ser utilizada para um outro fim, não mais como um símbolo do Império. A atitude da rainha guerreira e suas ações do passado, contadas pelos antigos romanos, e o uso de sua figura feminina em apoio às grandes mulheres de poder, assim, como por exemplo, as rainhas Elizabeth I e Vitória, fizeram com que a sua imagem passasse a ser vista como algo que remete à força das mulheres.

Em um momento de extrema agitação feminista, pela reivindicação e liberdade de voto das mulheres, as sufragistas britânicas acabaram por utilizar a estátua como ícone de luta e símbolo de representação do feminino.

Segundo Hingley e Unwin (2005), a ascensão de Boudica como um ícone imperial dos períodos Vitoriano e Eduardiano pode ter sido a razão de as sufragistas a adotarem. Nessas circunstâncias, a posição da estátua feita por Thornycroft ainda foi considerada bastante estratégica, na medida que ela está colocada de uma forma como se avançasse sobre o parlamento.

A estátua era o lugar de reunião para as reivindicações do movimento e, até os dias de hoje, é utilizada por grupos feministas como força de ação para as mulheres. Como exemplo disso, há o grupo denominado *Climate Rush*, o qual, além de lutar pelos direitos das mulheres, também batalha a favor do meio ambiente. Inspirado pelas antigas sufragistas, o movimento surgiu em outubro de 2008 com 11 mulheres, tendo mais tarde também a presença de homens como militantes.

A organização ainda utiliza a velha frase feminista *Deeds not Words*, ou seja, “Ações não Palavras”, bem como a frase da historiadora Laurel Thatcher Ulrich (2007) *Well-behaved women seldom make history*, ou seja, “mulheres bem comportadas raramente fazem história”.

A personagem Boudica também se mostra muito importante para Cardiff, País de Gales, uma cidade litorânea que ainda hoje possui raízes Bretãs muito acentuadas, até pelo fato de ser uma cidade bilíngue, onde as placas de informações estão escritas em inglês e em galês.

A estátua da rainha guerreira se encontra no prédio da prefeitura, o qual fica localizado no centro, próximo ao Castelo de Cardiff, do Museu Nacional, da Universidade de Cardiff e da Galeria de Gales. A escultura foi feita em mármore Serraveza, em 1916, por James Harvard Thomas.

Sua imagem remetia à crença de que Boudica seria uma líder nativa, tendo os galeses como seus descendentes (HINGLEY e UNWIN, 2006; PINTO, 2011), a qual parece ser retratada como uma bretã que quis se vingar dos erros cometidos contra seu povo e seu lar.

A prefeitura de Cardiff recebeu algumas estátuas como um presente para a cidade do Lord Rhondda of Llanwern, as quais custaram por volta de 15000 libras. Os heróis esculpidos por diferentes escultores foram escolhidos após uma consulta ao povo galês, que foi convidado para dar sua sugestão. A estátua de Boudica foi uma das escolhidas, sendo colocada, com outros heróis, no saguão chamado *The Marble Hall*, inaugurado pelo atual Secretário da Guerra do Império Britânico, David Lloyd George, no dia 27 de outubro de 1916. O nome do salão, *The Marble Hall*, faz jus às colunas de mármore de Sienna moldadas em bronze, o qual também foi utilizado nas luminárias, que foram suplementadas por projetores, refletindo o mármore polido do chão. O salão também é composto por vitrais com o tema de sereias e conchas.

Boudica é a única heroína dentre outros heróis, assim como algumas santidades, oficiais de guerras napoleônicas, reis medievais, poetas e líderes que se rebelaram contra o controle inglês. A construção dessa estátua aponta como um símbolo de resistência a um inimigo, seja ele romano ou inglês. A importância dessa figura para os galeses pode estar relacionada ao fato de que estes apoiaram o término da estátua de Londres (PINTO, 2011).



Figura 02: Estátua de Boudica em Cardiff (BÉLO, 2012)

Todavia, diferentemente da estátua feita por Thornycroft em Londres, com a beligerante carroça, aqui Boudica não está representada como uma guerreira poderosa, mas como uma mãe zelosa cuidando de sua prole, cujas filhas parecem refugiadas. Seus braços estão ao redor das garotas, sua face é de uma mulher preocupada, porém determinada; uma das meninas a olha como se a questionasse e a outra se apoia nela aceitando o abrigo dos braços. Boudica foi esculpida com longos cabelos, que vão além do meio das costas, com uma faixa na cabeça, vestindo uma longa túnica, a qual Hingley e Unwin (2005) definem

como se fosse em estilo grego, com um cinto, uma capa e sandálias, as quais dão a impressão de serem de couro. Segundo Aldhouse-Green (2006), ela parece muito velha para ter duas filhas adolescentes, as quais parecem traumatizadas, sendo descrita como uma bárbara digna, mas derrotada.

Junto à estátua, há a inscrição *Buddug, Boadicea, died AD 61*, em que *Buddug* é a tradução galesa de Boudica (ALDHOUSE-GREEN, 2006). Entretanto, a semelhança dessa estátua com a que se encontra em frente ao parlamento britânico diz respeito ao fato que as duas estão localizadas em um espaço político e de poder, além de existir uma equivalência com ações femininas.

Do outro lado da ilha, em Colchester, Inglaterra, está a terceira estátua de Boudica. Ela foi construída em uma cidade considerada a mais antiga de todo o Reino Unido. Seu antigo nome, Camulodunon, que significa “fortaleza do deus Camulos”, provavelmente foi dado por Cunobelino⁴, antigo rei dos catuvellauni, os quais conquistaram os trinovantes em 10 d.C., juntando as tribos. Todavia, depois de 43 d.C., os romanos os trataram separadamente e o assentamento passou a ser um *oppidum*⁵ depois da construção de uma fortaleza no local para estabilizar a dominância romana, a qual passou a ter o nome de Camulodunum.

Os trinovantes foram os primeiros a enfrentar os romanos, e do resultado da disputa fizeram com que Camulodunon se tornasse o primeiro assentamento romano, o qual foi citado por Tácito em *A Vida de Agrícola* e que abrigou a XX Legião, em 49 d.C. Depois da primeira investida contra os iceni, esse assentamento passou a ser a primeira *colonia* romana.

Camulodunum recebeu o *status* de *colonia*, pois virara um assentamento de legionários aposentados, que teriam servido em uma ou mais legiões na Britannia; com um ar militar, tinham a intenção de fazer dela a nova capital da província para testar o controle dos novos territórios; as funções principais da *colonia* era a manutenção dos veteranos e abertura para o fornecimento de novos recrutas.

Sendo assim, Camulodunum tinha a tarefa de promoção e proteção contra qualquer oponente (FIELDS, 2011). O nome da nova *colônia* não se sabe ao certo, mas as inscrições fazem menção do nome *Colonia Vectricensis*, “A Colônia dos Vitoriosos” (SEALEY, 1997).

Nesse sentido, a intenção de tornar esse assentamento a capital da nova província era para controlar as maiores unidades tribais nativas, estabelecendo-as como *civitates*⁶, nome dado às antigas tribos, adotado para definir as tribos da Idade do Ferro, passando a se realizar uma reorganização nas fronteiras de cada uma das tribos (HINGLEY e UNWIN, 2005).

⁴ Cunobelino foi o primeiro rei bretão que teve seu rosto modelado nas moedas como os imperadores romanos faziam, mostrando que ele poderia ter tido grande relação com esses últimos, porém, depois de sua morte em 43 d.C., seus sucessores parecem não ter tido a mesma recepção, o que poderia ter causado a invasão romana de 43 d.C. (HINGLEY e UNWIN, 2005).

⁵ O termo *oppidum* quer dizer ‘cidade’ em latim, sendo *oppida* seu plural.

⁶ As *civitates*, quer dizer cidade ou cidade-Estado, eram muito semelhantes as *oppida*, porém maiores. A *civitates* era governada pela elite nativa e tinha assistência e suporte da administração romana. Contudo, a tribo dos iceni não se desenvolveu nem como *oppida* ou *civitates*, o que parece é que a aristocracia não adotou o modo de vida romano (HINGLEY e UNWIN, 2005).

A violência e a hostilidade dos invasores contra os trinovantes, a tomada do território, a construção do templo de Cláudio, o qual foi proclamado um deus pelo senado romano depois de sua morte em 54 d.C., e o desenvolvimento dessa *colônia* formaram razões suficientes que facilitaram a união desses com os iceni na revolta de Boudica.

Em Colchester, atualmente, encontra-se a base militar do exército britânico, e a cidade é marcada por todas as eras pelas quais esse país passou, desde a presença dos romanos na ilha, incluindo as façanhas de Boudica, invasões saxônicas, normandas, até períodos medievais e foi assinalada pela herança dos Tudor, Stuart, Georgian entre outros.

A estátua dessa cidade foi feita pelo artista Jonathan Clarke, em alumínio, no ano de 1999, e colocada próxima à rotatória da estação de trem de Colchester. Sua construção foi encomendada pelo tradicional supermercado britânico ASDA, no mesmo período em que estava sendo comprado pela rede norte-americana *Walmart*, sob duras críticas nacionalistas (PINTO, 2011).



Figura 03: Estátua de Boudica em Colchester (BÉLO, 2012)

Outra peça primorosa, que se encontra na prefeitura de Colchester, é um vitral que está exposto em conjunto com mais dois vitrais na sala chamada *The Moot Hall*. Essas peças foram colocadas depois da reforma realizada nesse prédio em tempos Vitorianos. Um dos outros dois vitrais possui a figura de Carataco, considerado também herói bretão.

A sala que é hoje chamada *The Moot Hall* foi, no século XII, por volta de 1160, o próprio prédio onde havia as reuniões entre os administradores da cidade. Esse nome foi retirado de uma palavra anglo-saxônica que quer dizer “encontro”. Era considerado o principal prédio administrativo e judicial de Colchester, além de possuir espaço também para ser uma prisão e para as facilidades do comércio de tecido (GREEN, 1997).

Entretanto, em 1843, esse pequeno lugar foi reformado e praticamente todo destruído para dar origem à primeira prefeitura em moldes Vitorianos e Eduardianos. A nova prefeitura foi composta de uma abrangente sala para assembleias, a qual leva o antigo nome, *The Moot Hall*, além de salas de tribunais, uma sala de magistrado, salas de comitês, um centro policial, celas e uma sala para o carcereiro (GREEN, 1997).

Em 1897, houve uma terceira reforma feita pelo arquiteto britânico Norman Shaw, o mesmo que construiu a Scotland Yard em Westminster. Hoje, o prédio possui mais de 90 salas, incluindo espaço para festas, assim como casamentos, cortes judiciais, escritórios e vários departamentos para o conselho. A maioria das principais salas é utilizada com o mesmo propósito de antigamente e algumas foram adaptadas (GREEN, 1997).

Esse prédio se encontra no centro da cidade, na *High Street*, e continua sendo o local de governo da cidade. Essa edificação também é uma celebração à história de Colchester, como a mais antiga cidade do Reino Unido. Mostra no seu interior e exterior as lembranças e símbolos associados a história e lendas que envolvem a cidade, como por exemplo, a estátua da rainha Vitória diante da escadaria principal, que se estende diretamente em frente da entrada principal do prédio. A escultura foi feita pelo artista L. J. Watts, de Colchester, e presenteada pelo prefeito Horace Egerton Green, que esteve atuante durante 1886 - 1887 e 1896 - 1897 (GREEN, 1997).

A homenagem à rainha Vitória também se localiza no lado de fora do prédio, na torre chamada Torre Vitória, a qual celebrou o jubileu de diamante em 1897. Ela morreu em 1901, antes da torre ficar pronta, mas quem a recebeu foi seu filho, rei Eduardo VII, quando a prefeitura foi aberta.

A principal sala, *The Moot Hall*, é composta de um órgão, em uma das extremidades, e de vários quadros de governantes que foram importantes para a cidade e que influenciaram o desenvolvimento local desde períodos pré-romanos (ALDHOUSE-GREEN, 2006) até a atualidade, como por exemplo, um retrato da rainha Elizabeth II. Além disso, possui três vitrais Eduardianos que ilustram resumidamente a história municipal.

O vitral do meio, chamado *The Queens Window*, é composto das “mulheres de Colchester”, para comemorar todas as rainhas que visitaram a cidade ou foram associadas a ela, desde Boudica até a rainha Vitória. Essa obra foi presenteada pelas *Ladies of the Borough*⁷, sob a liderança da Presidente do Comitê, Emily Sanders, que foi primeira dama de 1898 a 1899 (ALDHOUSE-GREEN, 2006). Pode-se considerar que essa obra também celebra a participação das mulheres na vida política e social da cidade.

No meio do vitral encontra-se a maior imagem, que é da rainha Vitória, e nas laterais observam-se imagens menores de outras mulheres poderosas, com seus nomes escritos junto a elas, sendo que do lado direito, embaixo, está Boudica, entre Eleanor de Aquitaine, Catharine de Aragão, Elizabeth I, Helena, mãe de Constantino, entre outras (GREEN, 1997). Nesse vitral, Boudica está desenhada como uma jovem rainha guerreira, com cabelos naturalmente dourados avermelhados, com uma coroa na cabeça, com um colar de ouro no pescoço, com um manto vermelho púrpura ao redor de seus ombros e com uma lança em posição de ataque.



Figura 04: Vitral *The Queens Window*, com a figura de Boudica aproximada (BÉLO, 2012)

A fascinação pública por Boudica ainda é bem evidente atualmente. Ela é vista como uma personificação majestosa e com virtudes maternas e guerreira. Além disso, simboliza a força de independência e política para mulheres como a rainha Elizabeth I e a rainha Vitória. É observada como uma guerreira que lutou contra a injustiça e, muitas vezes, se tornou um talismã, em que a memória a enquadra em um panteão de idealizações. A maioria das pessoas associa a personagem à cidade de Colchester, mas

⁷ Mulheres da cidade.

sua estadia nesse local se deu somente para destruí-lo, sua verdadeira morada estava na região de Norfolk, onde era o território dos iceni. Todavia, Colchester é a cidade que mais enfatiza a guerreira. Foram os próprios britânicos que a transformaram em um ser mítico, embora muitas vezes tenham esquecido que ela realmente existiu, mas a inspiração que ela provoca e o seu legado estão sempre vivos.

As estátuas e o vitral estão relacionados a uma demonstração nacionalista de origem e da história local e são indicadores da herança cultural para a construção de uma memória coletiva sobre a figura de Boudica. Esses indicadores sociais correspondem à cultura material e a ações coletivas resultantes da agência de atores sociais, que ocasionaram a construção dos objetos ligados à Boudica, que, juntamente com as exposições, constroem e envolvem-se em uma rede simbólica desenvolvida durante anos sobre a representação da guerreira, compondo, assim, uma subjetividade, a qual é previamente constituída devido à experiência cultural e histórica (GIDDENS, 2003).

Realizei entrevistas com os visitantes do *Norwich Castle Museum & Art Gallery*, *Colchester Castle Museum*, *Museum of London* e *Verulamium Museum*. As pessoas entrevistadas incluíram 21 mulheres, 19 homens, entre 5 e 76 anos, 37 ingleses e 3 Irlandeses, entre o ensino fundamental e universitário.

As entrevistas realizadas com o público foram elaboradas com a ajuda, respaldo e leitura do livro *Beyond the glass case*, de Nick Merriman, publicado em 1991. As questões não são iguais às que o autor coloca em sua obra, porém baseadas em suas ideias.

A entrevista com o público foi preparada de modo a não ser longa, todavia, algumas respostas suscitaram novas questões, o que naturalmente gerou mais perguntas, deixando o questionário mais fluente. Entretanto, as respostas consideradas foram aquelas voltadas para o 'sim' ou o 'não'. As questões também tiveram como objetivo mostrar como o museu trabalha a comunicação com os visitantes, sobretudo no que se refere às informações acerca de Boudica, além de investigar atividades de interação entre o museu e a sociedade. Contudo, a intenção maior das entrevistas tinha por intuito descobrir se a personagem faz, de fato, parte da memória coletiva dos britânicos e como essa suposta memória e/ou informações são comunicadas para sua continuidade e permanência.

As questões feitas para os visitantes foram:			
Sexo	Idade	Escolaridade	Nacionalidade
a) Você já tinha ouvido falar de Boudica?			
b) Você aprendeu sobre ela na escola?			
(Caso não) Onde foi o primeiro lugar em que você ouviu falar dela?			
(Se sim) Quem foi Boudica na sua concepção?			

c) Você acha que as informações expostas no museu ajudaram a aumentar seu conhecimento?

Você acha que as informações fornecidas pelo museu diferem daquelas dadas na escola?

Em quais aspectos?

Você aprendeu algo novo hoje?

d) De qual parte da exposição você mais gostou?

A pesquisa constatou que 92,5% dos entrevistados já tinham ouvido falar de Boudica antes; 85% aprenderam sobre ela na escola; 72,5% acreditam que as informações dos museus ajudam as pessoas a aumentarem seu conhecimento; as partes dos museus que os entrevistados mais gostaram, só tiveram relação com a exposição de Boudica, nos museus de Norwich e de Colchester.

Na concepção geral dos entrevistados a respeito de Boudica, ela é vista como uma heroína, uma guerreira, rainha e líder dos iceni, muito corajosa, brilhante, muito certa de suas atitudes, líder da revolta contra os romanos, ela tem ligação com Colchester, a primeira mulher a ser líder de um exército, líder icônico, mulher forte que lutou contra os romanos, uma poderosa líder e guerreira.

Nesta pesquisa de campo e em cada entrevista é possível concluir, a partir do contato com os britânicos, que Boudica faz parte da memória coletiva do grupo.

Mesmo sendo uma heroína inglesa, irlandeses e galeses se orgulham de discorrer a seu respeito. Sua figura tem um poder desbravador sobre o mundo e o tempo, sendo que até os dias de hoje ela ensina, provoca, reage, modifica pensamentos, quebra tabus e preconceitos, porque ela se fez entender pelos seus propósitos, tornando-se assim carismática. Ela é uma figura de transformação, uma mulher para todos os tempos, para modificações e para trazer o novo. Entretanto, ela ainda é uma ideia ou a expectativa de um ideal, um espectro, muitas vezes entrelaçada nas sombras e, outras vezes, calada pela história, reacendida por algum interesse momentâneo que queira utilizá-la como exemplo.

CONCLUSÃO

A questão fundamental neste artigo diz respeito a memória coletiva diante da figura de Boudica, a qual se constitui por uma reconstrução da continuidade atualizada do passado, que está indissolivelmente ligada à identidade (CANDAU, 2011).

A memória nos modela e também é, por nós, modelada, nutrindo-se mutuamente para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. É a memória que fortalece a identidade,

individual e coletivamente. Sendo assim, no quadro das estratégias identitárias, os indivíduos operam escolhas sempre no interior de um repertório flexível e aberto a diferentes meios, assim como representações, mito-história, crenças, ritos, saberes, heranças, que pertencem ao interior de um registro memorial (CANDAU, 2011).

No caso de Boudica, a memória dessa representação esteve atrelada à análise das formas de como ela se manifestou, e principalmente como os britânicos a materializaram para tentar deixar a lembrança dessa figura eternizada dentro de uma memória coletiva, a qual supostamente é comum a todo o grupo, configurando-se um enunciado relativo à descrição de um compartilhamento hipotético de lembranças. Os objetos patrimoniais de Boudica são sempre descritos como um marco que se deve conservar, restaurar e valorizar (CANDAU, 2011).

Portanto, a cautela em preservar a figura de Boudica é a resposta dos britânicos a uma concordância com que essa figura seja representada e, dessa forma, representante dos atos e agências em que esse grupo, principalmente o movimento feminista, esteve presente e que ainda pode construir novas causas para a interpelação dessa reprodução. Seu retorno à consciência do grupo é acionado por lembranças do passado às quais a heroína esteve atrelada, especificamente a aspectos de luta, reivindicação de direitos, amostragem de um passado forte, guerreiro, nacional.

É da memória que Boudica ressurgiu, pois a atitude de agir diante da personagem vivifica o que os britânicos retomam do seu passado, pois se vivessem somente no presente, sua identidade seria perdida, tendo em vista que a lembrança da gênese é a condição necessária para a consciência (CANDAU, 2011) e o conhecimento do grupo. A tendência é que o tempo coloque a distância nesses aspectos do passado, concluindo-se que há uma relutância para a constância, pois a tendência esvai-se com o tempo e só permanecem aqueles que o julgamento social relembrará e assim, não desaparecerá tão cedo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCOCK, S. E. *Archaeologies of the Greek past: landscape, monuments and memories*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- ALDHOUSE-GREEN, M. *Boudica Britannia*. London: Pearson Longman, 2006.
- ALONSO, A. M. The effects of truth: re-presentations of the past and the imagining of community. *Journal of Historical Sociology* 1, p. 33-57, 1988.
- BASSO, K. H. 1996. *Wisdom sits in places: landscape and language among the Western Apache*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1996.
- BENJAMIN, W. Sobre alguns temas de Baudelaire. In: *Charles Boudelaire um lírico no auge do Capitalismo: obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, v. III, 1989.
- BLAKE, E. Sardinia's Nuragui: four millennia of becoming. *World Archaeology*, 30 (1), p. 59-71, 1998.
- BOYER, M. C. *The City of Collective Memory: Its Historical Imagery and Architectural Entertainments*. Massachusetts, Institute of Technology, 1996.
- GOSDEN, C; LOCK, G. Prehistoric histories. In: *World archaeology*, 30 (1), p. 2-12, 1998.
- CASSIO, D. *Dio's Roman History*. London, G. B. Putman, 1925.
- CANDAUI, J. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- COLLINGRIDGE, V. *Boudica*. Croydon: CPI Group, 2006.
- COWPER, W. *Boadicea: an ode*. In: BAIRD, J. D.; RYSKAMP, C. (ed.). *The poems of William Cowper*. Oxford, Clarendon Press. 1, 1748-82, 431-32, 1792/1980.
- DAVIES, J.; ROBINSON, B. *Boudica: her life, times and legacy*. Cromer: Poppyland Publishing, 2009.
- DOUGHTY, C. M. *The dawn of Britain*. London: Duckworth & Co, 1906.
- FIELDS, N. *Boudicca's rebellion AD 60-61: the Britons rise up against Rome*. Oxford: Osprey Publishing, 2011.
- GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GREEN, O. *The town hall: Colchester*. Colchester: Colchester Borough Council and Jarrold Publishing, 1997.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1996.
- HINGLEY, R. *Roman officers and English gentlemen: the Imperial origins of Roman archaeology*. London: Routledge, 2000.
- HINGLEY, R.; UNWIN, C. *Boudica: Iron Age warrior queen*. London: Hambledon Continuum, 2005.
- HOBSBAWN, E.; RANCER, T. (eds.). *The invention of tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- JONKER, G. *The topography of remembrance: the dead, tradition and collective memory in Mesopotamia*. Leiden: E. J. Brill, 1995.
- LAQUEUR, T. W. Introduction. *Representations*, v. 69, p. 1-8, 2000.

- LAQUEUR, T. W. *Making sex: body and gender from the Greeks to Freud*. Cambridge, MA, Havard University Press, 1990.
- LE GOFF, J. *History and Memory*. New York: Columbia University Press, 1992.
- MANNING, S. W. Changing pasts and sócio-political cognition in Late Bronze Age Cyprus. *World Archaeology*, 30(1), p. 38-58, 1998.
- MESKELL, L. Memory's matrality: ancestral presence, commemorative practice and disjunctive locales. *Archaeology of memory*, p. 34-55, Malden: Blackwell Publishing, 2003.
- MERRIMAN, N. *Beyond the glass case: the past, the heritage and the public*. Leicester: Leicester University Press, 1991.
- PINTO, R. *Duas rainhas, um príncipe e um eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana*. 2011. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- SCOTT, M. *Boudica*. New York: Ramdon House Publishing Group, 2008.
- SEALEY, P. R. *The Boudican revolt against Rome*. Oxford: Shire Publications LTD, 1997.
- SUTCLIFF, R. *The eagle of the Ninth*. Oxford: Oxford Univesity Press, 2000.
- TACITO, P. C. *Dialogus, Agricola, Germânia*. London: William Hinemann LTC; Cambrigde, Massachusetts: Harvard University Press, 1914.
- TACITO, P. C. *The Annals of Imperial Rome*. Great Britain: Penguin Classics, 1968.
- ULRICH, L. T. *Well-behaved women seldom make history*. New York: Random House, 2007.
- VAN DYKE, R. M.; ALCOCK, S. E. Archaeologies of memory: An introduction. In: VAN DYKE, R. M.; ALCOCK, S. E. (eds.) *Archaeologies of memory*. Malden: Blackwell Publishers, 2003.
- WEBSTER, J. *Boudica: the British revolt against Rome AD 60*. London, Batsford, 1978.

Recebido em: 03/01/2014
Aprovado em:10/02/2014
Publicado em: 15/03/2014